

CONFIGURAÇÕES DO LEITOR MACHADIANO ATRAVÉS DO CONTO “EX-CATHEDRA”

OTON MAGNO SANTANA DOS SANTOS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - UESC).

Resumo

Investigação sobre formas possíveis de leitura do conto “Ex-Cathedra”, de Machado de Assis, enfocando os protocolos de leitura construídos na narrativa, de forma a orientar e, simultaneamente, desafiar o leitor, tanto o do oitocentos, como o leitor contemporâneo. No conto “Ex-cathedra”, a representação de processos de leitura está introjetada em toda a narrativa, oferecendo um leque de possibilidades de apropriação, como forma de exercício para associar e entender o que se lê ao que se vê, isto é, o mundo sugerido pelo narrador ao mundo representado pelo leitor. O objetivo desta Comunicação é discutir a diversidade de opções de leitura presente no conto em voga, enfatizando a participação do leitor como elemento constituinte da supracitada narrativa. Para alcançá-lo, serão estudados os elementos estruturais presentes no conto em tela, cuja função seria de criar laços com o leitorado, convidando-o a participar da narrativa e provocando-o, para que construa sua própria significação para o texto. Pesquisadores como Antônio Cândido, que realiza estudos sobre a sociedade do século XIX, Wolfgang Iser, que teoriza sobre a interação entre texto e leitor, Roger Chartier que investiga as relações entre textos, impressos e leituras, e Márcia Abreu, que desenvolve pesquisa sobre a formação de leitores na referida época, fundamentam as reflexões presente neste trabalho.

Palavras-chave:

Leitor, Leitura, Conto machadiano.

O conto “Ex-catedra” faz parte da coletânea *História sem data*, publicado pela primeira vez em 1884. Narra a história de Fulgêncio, um sujeito apaixonado pelas letras e por tudo o que elas representam. Fascinado, encontra explicação e significação para todas as coisas através da leitura. Vive com uma sobrinha adolescente chamada Caetaninha, a quem tenta educar à sua maneira no que diz respeito ao tratamento com a leitura. Certo dia, recebe em sua casa um outro sobrinho, Raimundo, também adolescente como Caetaninha, e resolve juntar os dois jovens formando um casal, mas não de forma abrupta. Decide criar uma teoria capaz de promover aquela união, com bases científicas, sem que os dois percebam.

A proposta deste trabalho é discutir a diversidade de opções de leitura presente no conto em voga, enfatizando a participação do leitor como elemento constituinte da supracitada narrativa. Para isso, faz-se um breve panorama sobre a história literária brasileira do século XIX à época contemporânea, bem como os papéis que o leitor pode assumir diante de um texto machadiano.

A história literária brasileira se constrói a partir de diversas influências, dentre as quais se destacam as européias. A partir do século XIX, após a ruptura política com Portugal, o Brasil sente a necessidade de criar sua própria identidade a partir dos elementos ditos nacionais. Por outro lado, há uma forte tendência à manutenção de formas e comportamentos europeus. Nesse espaço de contradição, começa-se a esboçar, a partir de um projeto nacionalista, a construção do cânone, o que significou a busca de material impresso que atendesse à proposta de representar o Brasil segundo o modelo nacionalista. Investigaram-se todos os trabalhos

publicados até aquela data, contando com a participação de profissionais de várias áreas do conhecimento. Segundo Antônio Cândido (1975)

A longa e constante aspiração foi, com efeito, elaborar uma história literária que exprimisse a imagem da inteligência nacional na seqüência do tempo - projeto quase coletivo que apenas Silvio Romero pôde realizar satisfatoriamente, mas para o qual trabalharam gerações de críticos, eruditos e professores, reunindo textos, editando obras, pesquisando biografias, num esforço de meio século que se tornou possível a sua História da Literatura Brasileira, no decênio de 80. (p.349)

Como éramos incipientes tanto em relação a escritores quanto a leitores, muitas obras, mesmo rejeitadas pelos críticos, compuseram o quadro de obras representativas do nacional, bem como diversos escritores. Muitas destas obras, mesmo sem conhecimento do público, eram compendiadas e reeditadas para atender ao referido projeto. Dentre as publicações, biografias romanceadas de alguns escritores e de outros componentes das sociedades, conforme observa Cândido (1975: 351) "As biografias significavam o conhecimento dos indivíduos responsáveis pelos textos, como exigia cada vez mais a nova crítica adequada ao espírito romântico". Na falta de uma tradição literária e de leitores, tal prática era vista como uma das formas de se criar e difundir uma história da literatura efetivamente brasileira.

O choque entre idéias nacionalistas e outras práticas que mantinham o gosto pelas formas européias acentuava-se à medida que as tentativas de afirmação identitária se intensificavam. De um lado, os defensores de uma recém-formada nação, de outro, portugueses ou filhos de portugueses os quais apresentavam gosto por obras que não estavam inseridas no projeto, por serem estrangeiras.

Sendo assim, entendemos que, neste caso, os processos políticos não institucionalizaram um tipo ideal de leitor, pois este fazia uso de diversas estratégias, as quais podiam estar ou não contempladas no tal projeto nacionalista. O leitor, em muitos casos, era uma incógnita, pois muitos dados desconhecidos são percebidos desde o gosto até a aquisição de determinadas obras.

Portanto, entender os papéis que o leitor machadiano assume, especialmente na leitura do conto em voga, ilumina aspectos silenciados da sociedade da época e ajuda a construir simbolicamente o perfil do leitorado oitocentista brasileiro. Entendemos que o leitor lia de diversas formas e estas não eram catalogadas, muitas vezes por falta de interesse e outras por não atenderem ao perfil de leitor que se pretendia, naquele momento. Em suma, a prática da leitura era um hábito privilegiado, porém extremamente controlado. Segundo Márcia Abreu,

Durante a primeira metade do século XIX a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários. Depois disso, numerosas formas de lazer, de sociabilidade e de encontro, antes mantidas pela leitura em voz alta, tornaram-se cada vez mais restritas. A partir daí as elites passaram a restringir os usos da oralização dos textos. Lia-se em voz alta nas Igrejas e nos tribunais. Lia-se em voz alta nas escolas para controlar a qualidade de sua leitura silenciosa - objetivo final da aprendizagem. (ABREU, 2001: 02)

As práticas institucionalizadas de leitura procuravam determinar as formas de apropriação do material impresso. E aí, entenda-se: concepções éticas, morais,

econômicas, sociais, etc. Em outras palavras, estavam cristalizados o uso e o reconhecimento das práticas leitoras e atender a tais requisitos era condição para se ter acesso aquele bem, fosse o indivíduo que praticasse a leitura ou o que ouvia atentamente ao que era lido. Sobre isso, Márcia Abreu observa:

É relativamente recente também a idéia de que o bom leitor é o que lê muitos e variados textos. Durante séculos a quantidade de impressos disponível era pequena, seu preço, elevado, e o livro, muitas vezes, sacralizado - mesmo que não tratasse de tema religioso. O bom leitor era aquele que lia pouco, lia com freqüência e meditava muito sobre os escritos. Ler muito poderia ser visto como um problema - até mesmo para a saúde. (ibdem, 2001: 02)

Tais comportamentos foram disseminados pelo país no século XIX. Logo, os leitores, advertidos dos males que a leitura poderia causar à saúde, tendiam a abandoná-la ou praticá-la em menor grau, como alguns médicos aconselhavam. Além disso, outra concepção atribuída à época recai sobre as questões morais e éticas. O consumo da literatura poderia causar também o desvirtuamento das senhoras de família e das moças, pois o conteúdo dos romances era inadequado, apresentava temas proibidos e, portanto, seria um perigo para a imagem da mulher, na época. No entanto, por conta de contatos estabelecidos com outras culturas, pela criação de laços cada vez mais significativos com o material impresso, o leitorado cria outras formas para se apropriar de um determinado texto, revelando que as novas práticas independem da política, são reações culturais coletivas às provocações do tempo e do lugar.

Dessa forma, percebe-se o quadro social e o surgimento de uma relação com a leitura que se delineia a partir desse momento. Resultante desse processo, o leitor machadiano é "convidado" a criar suas próprias estratégias de leitura. E a partir daí, o mundo representacional do leitor tende a tornar-se cada vez mais amplo, a partir das sugestões contidas no corpo da obra.

O texto machadiano, ao longo do século XIX, é responsável pela criação de tipos de leitores que não se identificam pelo gênero, talvez bem mais por classes sociais, mas independentemente de *status* ou posição social, tem em comum o exercício de posturas mais críticas e mais exigentes na relação com a leitura: aquele que a vê como discurso, possibilidade de entender e explicar o que extraiu de um texto.

No conto em questão, o narrador não o inicia da forma tradicional, ou seja, apresentando a história ou se apresentando. É a voz dos personagens que surge primeiro, em discurso direto:

- Padrinho, vossemecê assim fica cego?

- O quê?

- vossemecê assim fica cego; lê que é um desespero. Não senhor, dê cá o livro. (MACHADO DE ASSIS, 2005: 129)

Mesmo sem aparecer, o narrador machadiano "fala" de forma implícita através do discurso da personagem. Ao utilizar a personagem Caetaninha, o narrador critica a postura do tio ao mesmo tempo em que tenta confundir o leitor ao parecer imparcial. Tal prática exige um leitor idealizado pelo autor, em outras palavras, um colaborador que não se encontra nas formas institucionalizadas da época. Talvez, o leitor imaginado por Machado fosse um sujeito resultante de todos aqueles processos de construção de identidades ou simplesmente alguém que estivesse

disposto a jogar, tendo é claro, o próprio autor, como entidade empírica, ditando as regras, através do narrador. Utilizando processo metalingüístico, um dos temas abordados no referido conto que nos interessa é a leitura:

Caetaninha tirou-lhe o livro das mãos. O padrinho deu uma volta, e foi meter-se no gabinete, onde lhe não faltavam livros; fechou-se por dentro e continuou a ler. Era o seu mal; lia com excesso, lia de manhã, de tarde e de noite, ao almoço e ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lia andando, lia parado, lia em casa, lia na chácara, lia antes de ler e depois de ler, (...) (Ibdem, 2005:129)

Dentre as várias possibilidades de leitura presentes no labirinto narrativo de Machado de Assis, identificamos uma que "propõe" uma forma de apropriação baseada apenas no que se lê, sem fazer nenhuma contribuição e outra a qual desconfia do que se tem em mãos, e se prende a cada detalhe fornecido pelo narrador, principalmente o que nem é mencionado, mas sugerido. O leitor machadiano provavelmente não é nem o desatento e nem o cético. É aquele que é capaz de perceber que o objeto literário vai além das relações sociais, ou seja, que não vê o objeto literário como resultante disto ou daquilo, conforme observa Hélio Seixas Guimarães (2004:107): "A figura vaga e vaporosa do leitor vai ganhando contornos mais precisos e mais informados pela realidade objetiva até transformar-se em figura fundamental para a arquitetura narrativa."

A responsabilidade do leitor machadiano cresce à medida que os fatos vão se desenvolvendo. Quando surge o personagem Raimundo e o tio tem a idéia de casá-lo com Caetaninha, o narrador se justifica afirmando ter se esquecido de mencionar a existência do jovem, alegando que nunca é tarde para fazê-lo. Aqui, testa seu leitor mais uma vez, quebrando a seqüência cronológica da narrativa, ainda que seja um pequeno corte.

- Mocinho? Que mocinho? Caetaninha disse-lhe quem era um mocinho vestido de luto. - De luto? Repetiu o velho doutor fechando precipitadamente o livro; há de ser ele. - Esquecia-me dizer (mas há tempo para tudo) que três meses antes, falecera um irmão de Fulgêncio... (MACHADO DE ASSIS, 2005:130)

A história tende a concretizar-se num simples folhetim, com todos os ingredientes necessários conforme descrição do narrador: "Parece que até aqui nada há que destoe de uma história ingenuamente romanesca: temos um velho lunático, uma mocinha solitária e suspirosa, e vemos despontar inopinadamente um sobrinho (...)" (ibdem, 2005:130). Por outro lado, o desafio à leitura continua. Como entender o mundo, através de uma metáfora da própria leitura? Após perceber que os jovens são muito imaturos, o que não fortalece a sua idéia de casá-los, o tio Fulgêncio resolve criar uma teoria:

Uma idéia traz outra. A idéia de os casar pegou por um lado com uma de suas opiniões recentes. Era esta que as calamidades ou os simples dissabores nas relações do coração provinham de que o amor era praticado de um modo empírico; faltava-lhe base científica. Um homem e uma mulher, desde que conhecessem as razões físicas e metafísicas desse sentimento, estariam mais aptos a recebê-lo e nutri-lo com eficácia, do que outro homem e outra mulher que nada soubessem do fenômeno. (ibdem, 2005: 131)

A presença do leitor é cada vez mais exigida e, portanto, segue "experimentando" as idéias do tio. Ao revelar o que tem em mente, o referido personagem expõe uma

espécie de teste no qual o leitor precisará se lembrar do que fora narrado e descrito no início do conto, bem como todo o desenrolar dos fatos até o momento, pois uma nova história se inicia dentro da mesma narrativa. É aqui que a metáfora da leitura se revela, dependendo da disposição do leitor em não apenas decifrá-la ou entendê-la, mas compreender como ela se constrói e o que revela.

- Os meus pequenos estão verdes, dizia ele consigo: tenho três a quatro anos diante de mim, e posso começar desde já a prepará-los. Vamos com lógica; primeiro os alicerces, depois as paredes, depois o teto... Dia virá em que se aprenda a amar como se aprende a ler... Nesse dia... (ibdem, 2005:131)

A partir daí, começa-se a ensinar a ler o mundo. Didaticamente, Fulgêncio cria um plano cartesiano com o qual pretende "alfabetizar" os seus pupilos na arte do amor. Como se estivesse numa sala de aula, o personagem obedece ao plano estratégico elaborado por ele mesmo determinando o início das aulas e quando as mesmas deveriam acabar. Cercando-se de conhecimentos que compreendem a astronomia, a geologia, fisiologia, anatomia, jurisprudência, política, lingüística e conhecimentos práticos como noções gerais do universo, uma definição da vida, demonstração da existência do homem e da mulher, organização das sociedades, definição e análise das paixões, definição e análise do amor, suas causas, necessidades e efeitos, o tio Fulgêncio fundamenta o seu cronograma. Como ele próprio afirmara, ensinaria o amor como se ensina a ler.

Tudo isso era engenhoso, mas aqui vai o mais engenhoso. Não os convidou a aprender. Uma noite, olhando para o céu, disse que as estrelas estavam brilhando muito; e o que eram as estrelas? Acaso sabiam eles o que eram as estrelas?

- Não senhor.

Daqui a iniciar uma descrição do universo era um passo. Fulgêncio deu o passo, com tal presteza e naturalidade, que os deixou encantados e eles pediram a viagem toda.

- Não, disse o velho; não esgotemos tudo hoje, nem isto se entende bem senão devagar; amanhã ou depois... (ibdem, 2005: 132)

Para o personagem, a maturidade determinava a relação que mantinha com os livros. Após questionar o tio, Caetaninha concluiu estar o velho louco de tanto ler. Nesse momento, a loucura se refletia em habilidade que o oportunizava a medir as doses supostamente necessárias ao contato com a leitura. Ao se negar a fornecer as informações, as quais julgavam que os jovens precisariam, o tio "possibilita" aos adolescentes a criação de suas próprias impressões. Não as que ele construiu ao longo de sua vida, mas aquelas provocadas no questionamento do que vêem, sentem e anseiam. Aqui reside uma das várias incógnitas presentes no texto. Se o método de ensino era tradicional, seqüencial e cartesiano, por que o velho tio estimulava os adolescentes a descortinar outros horizontes? A resposta poderia ser "a loucura". No entanto, esta seria uma das armadilhas do narrador, pois não há respostas, pelo menos objetiva. O leitor desatento, provavelmente não irá perceber tal recurso, outros poderão perceber e fingir que não viram, há ainda aqueles que tentarão achar uma lógica para o comportamento do personagem. Seja como for, qualquer forma de apropriação não significará conclusão de coisa alguma, pois temos um objeto literário e não algo facilmente decifrável apoiado apenas em pontos de vista sociológico, filosófico, científico, psicológico, etc.

Por outro lado, ao ambicionar que os seus pupilos se inteirem da arte de amar com estratégias tão rígidas que obedecem a horários definidos para começar e terminar as exposições referentes ao tema em questão, Fulgêncio exhibe a sua crença baseada nas formas como aprendeu a ler o mundo. Logo, espera que os seus pupilos o façam do mesmo modo, isto é, ir até onde era permitido.

Assim como os personagens criam suas relações a partir do sugestivo, o texto também segue essa lógica, através dos mecanismos criados pelo narrador para que o leitor os decifre. Segundo Iser (1979: 83) "como atividade comandada pelo texto, a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor. Esta influência recíproca é descrita como interação." E essa interação se apresenta no conto machadiano a partir do contrato estabelecido entre o leitor e o texto. Como sujeito agente, o leitor aceita o pacto ficcional avançando gradativamente na leitura da obra em questão, à medida que os personagens adolescentes também avançam. "... as lições continuavam regularmente. Já tinham uma idéia geral do universo, e uma definição da vida, que nenhum deles entendeu. Assim chegaram ao quinto mês. No sexto, começou a demonstração da existência do homem (MACHADO DE ASSIS, 2005: 133).

Desse modo, os personagens experimentam entender o mundo, mas nem tudo é oferecido pelo tio. O leitor, por sua vez, também pode experimentar essa autonomia no que diz respeito à construção do seu próprio mundo através da leitura. A liberdade ficcional exercita aqui todo o seu potencial, pois, nesse caso, não há julgamentos de valor, mas possibilidade de criação a partir de um objeto hipotético, ou seja, a própria narrativa. No conto, essa relação hipotética se constrói em várias passagens. Uma especial descreve o momento em que os dois adolescentes percebem o que acontece com ambos: "Enquanto o velho falava, reto, lógico, vagaroso, curtido de fórmulas, com os olhos fixos em parte nenhuma, os dois alunos faziam trinta mil esforços para escutá-lo, mas vinham trinta mil incidentes para distraí-los". (ibidem, 2005: 133)

A construção do início de uma relação amorosa não acontece de forma abrupta, conforme prometera o tio no início, nem tampouco folhetinesca como imperavam algumas práticas da ficção do século XIX. O texto propõe uma relação entre dois jovens que se constrói, supostamente, de forma análoga a um processo de aprendizado de leitura, através do direcionamento do tio Fulgêncio. No entanto, mesmo sem prever, o tio acaba provocando uma liberdade nunca imaginada pelos jovens.

Percebe-se a partir destas reflexões que o leitor machadiano do século XIX era convidado a criar suas formas de apropriação com base no que o contexto oferecia, e como este se apresentava tão vacilante e transitório, o caráter de sua leitura estava muito próximo do experimental. Portanto, inaugurava novas e surpreendentes formas de apropriar-se do literário, além da já institucionalizada leitura como lazer. Já o leitor contemporâneo, configura-se num mundo que tende a ser cada vez mais contraditório, pois ora se tem a impressão de que todas as coisas são explicadas, ora acontece o contrário. Certo é que apesar da diferença cronológica, as práticas que reinavam no século XIX ainda ressoam, na contemporaneidade, através de seus métodos de ensino e de representação, no que diz respeito à leitura:

Por um lado, a leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma 'caça furtiva' (...) por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito

a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é portanto, considerar, conjuntamente, a irreduzível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (CHARTIER, 1988: 123)

Esse paradoxo nos faz entender que a apropriação responde ao tempo e ao espaço, por isso é cultural. O texto de ontem é atualizado pela leitura-apropriação de hoje, marcada pelo processo identitário fragmentado na sociedade contemporânea e pelas múltiplas linguagens e múltiplos suportes que formam a interação texto-leitor.

No conto em estudo, A tentativa de "alfabetizar" os sobrinhos, para o tio Fulgêncio, era algo que iria se concretizar mediante os seus métodos, ou seja, tudo deveria sair conforme planejado. Para isso, recorreu às mais diversas áreas do conhecimento juntamente com conhecimentos práticos para ensinar-lhes o que pretendia. Com o adendo da "loucura", perdeu-se em suas concepções, mas acreditou na "viagem" que se propôs a fazer. Os jovens por sua vez, embarcaram na aventura e seguiram outros caminhos, na busca por suas próprias impressões. E o leitor? A este é oferecido um exercício que o faz experimentar ao mesmo tempo a leitura da obra ficcional e da própria trajetória, tendo como elemento central, a supracitada leitura. Contudo, isso não significa construção de verdades absolutas, ao contrário, as verdades se criam, não para serem cristalizadas, mas para serem contestadas, talvez pelo próprio leitor que as construiu.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Diferentes formas de ler*. IN *A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias*. Organizado por Cicília M. Krohling Peruzzo e Fernando Ferreira de Almeida. São Paulo Campo Grande: Intercom UNIDERP, 2002.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Edusp, 1975.

CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp, 2004.

ISER, Wolfgang. *A interação do texto com o leitor*. In *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

MACHADO DE ASSIS, *História sem data*. São Paulo: Ática, 2005.